





O Pensamento-paisagem



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor*  
*Vice-reitor*

Carlos Gilberto Carlotti Junior  
Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente*

Sergio Miceli Pessoa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente*

Rubens Ricupero

*Vice-presidente*

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Carlos Alberto Ferreira Martins

Laura Janina Hosiasson

Merari de Fátima Ramires Ferrari

Miguel Soares Palmeira

Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior

*Suplentes*

Marta Maria Gerales Teixeira

Primavera Borelli Garcia

Sandra Reimão

*Editora-assistente*  
*Chefe Div. Editorial*

Carla Fernanda Fontana  
Cristiane Silvestrin

# O Pensamento-paisagem

Augustin Berque

TRADUÇÃO

Vladimir Bartalini

Camila Gomes Sant'Anna

**edusp**

Copyright © Éditions Éoliennes, 2016

Título do original em francês: *La Pensée paysagère*.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Berque, Augustin

O Pensamento-paisagem / Augustin Berque; tradução Vladimir Bartalini, Camila Gomes Sant'Anna. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-122-7

1. Filosofia. 2. Paisagem. 3. Pensamento. 4. Reflexão (Filosofia)  
1. Título.

23-150558

CDD-128.3

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Pensamento: Filosofia 128.3

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo  
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária  
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil  
Divisão Comercial: Tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150  
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

*Aos guardiões da memória,  
meus amigos de Seksawa*





## SUMÁRIO

### I. AS ONDAS DA HISTÓRIA

- 1. Paisagem e Pensamento · II
- 2. Paisagem sem Paisagistas · 17
- 3. Os Movimentos da História · 20
- Recapitulação: *O Que Era o Pensamento-paisagem* · 23
- Bibliografia · 32

### II. A TERRA, POR SI PRÓPRIA

- 4. A Amendoeira, a Cevada e a Oliveira · 33
- 5. Os Lazeres da Terra · 37
- 6. O Campo e a Fêmea Obscura · 41
- Bibliografia · 48

### III. O TERCEIRO DIA DO TERCEIRO MÊS

- 7. A Gruta do Pé de Cabra · 49
- 8. A Descida do Tichka · 54
- 9. Os Testemunhos do Nascimento da Paisagem · 62
- Bibliografia · 66

#### IV. ELES NÃO SABEM VER

- 10. Almoço no *Asqqif* · 69
- 11. A Busca de Autenticidade · 74
- 12. O Princípio de Xie Lingyun · 80
- Bibliografia · 83

#### V. TENDO SUBSTÂNCIA, TENDE AO ESPÍRITO

- 13. O Princípio de Zong Bing · 85
- 14. Fora a Harmonia! · 91
- 15. A Descomicização Moderna · 95
- Bibliografia · 102

#### VI. COISA OBSCURA ATÉ SER DITA

- 16. A Partir da Terra · 105
- 17. O Sentido Profundo da Paisagem · 110
- 18. Eis Aqui Nossa Autenticidade · 116
- Bibliografia · 124

#### VII. PALAVRAS FINAIS:

PARA QUEM QUER SUPERAR A MODERNIDADE

Paisagem e Realidade · 127

Ilustrações · 135

Trabalhos Correlatos do Autor · 137

Outras Obras do Autor · 139

### 1. Paisagem e Pensamento

Há uma antinomia entre paisagem e pensamento. A paisagem, em princípio, está *lá fora*, na minha frente ou ao meu redor, e o pensamento *lá dentro*, em algum lugar atrás da minha testa. Entre os dois, há como uma fronteira. É difícil dizer onde ela se situa exatamente, porém não resta dúvida de que contemplar não é meditar. O *Pensador* de Rodin não é uma atitude de alguém que observa uma paisagem...

No entanto, não há dúvida de que a paisagem convida a pensar de uma certa maneira, e de que algumas ideias nos vêm justamente da paisagem. Uma das primeiras experiências das quais guardamos a marca no Ocidente, a de Petrarca no topo do monte Ventoux, em 1336, debruça-se em considerações propriamente filosóficas. Certamente nem todo mundo tem as *Confissões* de

Santo Agostinho no bolso, para retirá-las no momento oportuno e abrir por acaso na famosa passagem que evoca o que, mais tarde, chamaremos paisagem: “Et eunt homines mirari... (*E os homens vão admirar os cumes das montanhas, as ondas enormes do mar, o largo curso dos rios, as praias curvas dos oceanos, as revoluções dos astros, e se desviam de si mesmos*) ...et relinquunt se ipsos”.

...acontece que Petrarca levou as *Confissões* consigo na sua excursão e as tomou para si; Santo Agostinho o colocou rápido no caminho correto, o de uma moral em que valia mais perscrutar a consciência do que usufruir a paisagem. Há como uma reviravolta nesta cena: o jovem homem é tomado pela beleza da paisagem que ele descobre ao final de sua subida, mas aquilo é tão novo que ele logo se recompõe; e, seguindo o conselho do bispo de Hipona, entrega-se à meditação e não à paisagem.

Aqui, a antinomia é clara, até mesmo esquemática: para Santo Agostinho, admirar a natureza é observar exteriormente (*foris*), do lado oposto àquele que o dever aponta: interiormente (*intus*). A própria ortodoxia cristã exige, ao contrário, observar a si mesmo, em sua própria *memória* (mais tarde, a isso se chamará de consciência), porque ela é habitada por Deus: *manes in memoria mea, Domine*<sup>1</sup>. Cerca de um milênio mais tarde, na época de Petrarca, essa ortodoxia reinava ainda, e foi ela que fez com que, durante todo esse tempo, a Europa não ouzasse nem observar, nem conceber a paisagem; mas o

1. “Permaneces em minha memória, Senhor” (N.T.).

texto em que Petrarca relata a sua experiência é uma das primeiras manifestações do seu maravilhamento.

Em 1336, definitivamente, não estamos mais na época em que os monges do deserto, mesmo que estivessem na situação de Petrarca, tinham mais a fazer do que observar a paisagem, como Santo Elpídio, que “jamais voltou o rosto para o ocidente, embora a entrada da sua caverna se situasse no alto da montanha (o monte Luca, perto de Jericó), e jamais olhou o sol nem as estrelas que apareciam no poente, e não viu uma estrela sequer durante vinte anos”.

Enquanto Santo Eusébio

[...] impedia que seus olhos vissem o campo (os prados de Alepo) e desfrutassem o prazer de apreciar a beleza do céu e dos astros, nem lhes permitia se estender para além do pequeno caminho, não mais largo que um palmo, que ele pegava para ir ao seu oratório. Ele viveu assim durante mais de quarenta anos [...]. Cingiu seus rins com uma cinta de ferro, colocou uma grande coleira no pescoço e prendeu-a à cinta dos rins com um outro pedaço de ferro de modo a ter que olhar sempre para o chão [...]

conforme o relato piedoso da *História dos Monges da Síria*, citado por Jacques Lacarrière em *Les hommes ivres de Dieu* (Os Homens Bêbados de Deus)<sup>2</sup>. Não, nós estamos então no século XIV, e a Europa vai começar a ob-

2. Jacques Lacarrière, *Les hommes ivres de Dieu*, 1975, pp. 182-183.

LANÇAMENTO 2023

# JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

[www.edusp.com.br/loja](http://www.edusp.com.br/loja)

LIVRARIAS

[www.edusp.com.br/livrarias](http://www.edusp.com.br/livrarias)

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

[divulga@usp.br](mailto:divulga@usp.br)

